

ANALOGIAS EM TEMPOS DE CRISE

O raro momento que a humanidade atravessa, devido à pandemia Covid-19, levou-me a uma das lições de Max Heindel, em «Interpretação Mística da Páscoa». Vamos reler:

«Na manhã da Sexta-Feira Santa de 1857, Richard Wagner, o maior artista do século dezanove, sentou-se à varanda de uma vivenda suíça que se debruçava às bordas do lago de Zurich. O panorama que se descortinava ao redor estava banhado por um glorioso brilho do Sol; paz e boa vontade pareciam vibrar por toda a Natureza. A criação inteira palpitava de vida e o ar estava carregado da deliciosa fragrância dos bosques de pinho – bálsamo gratificante para um coração atormentado e uma mente agitada. Então, de súbito, como um raio caído do céu azul, surgiu na alma profundamente mística de Wagner a lembrança do execrável significado daquele dia – o mais sombrio e mais doloroso do ano cristão. Essa lembrança o inundou de tristeza, pelo contraste com o que via. Era uma incongruência marcante entre o alegre cenário que tinha diante de si, a clara actividade notável da Natureza, em luta pela renovação da vida após o longo sono hibernar, e o mortal esforço do Salvador torturado na cruz; entre os gorjeios plenos de vida e amor dos milhares de cantores de plumas do bosque, na charneca e no prado, e os hediondos gritos de ódio duma turba enfurecida que insultava e zombava do mais nobre ideal que o mundo já conheceu; entre a maravilhosa energia criadora manifestada pela Natureza na primavera [H. Norte] e o elemento destruidor no ser humano, que assassinou o carácter mais nobre que já agraciou a Terra.

Enquanto Wagner meditava assim sobre os paradoxos da vida, ocorreu-lhe a pergunta: “há alguma relação entre a morte do Salvador por crucificação, na Páscoa, e a energia vital que se manifesta tão abundantemente na primavera quando a Natureza começa a vida de um novo ano»?

Nestes dias de equinócio, ao olhar as flores e os brotos, o aroma da terra, numa lenta e amorosa explosão de força e alegria, dei comigo a pensar no texto acima referido que, aliás, me acode sempre à memória nesta época do ano. A nova face da Natureza, que é o esforço de Cristo, e que se comunica não só aos seres humanos como a todas as espécies de vida, contrasta agora, ainda que por precaução, com a tristeza do nosso confinamento ao pequeno espaço da casa, ao medo e à incerteza do que possa acontecer a milhões de seres humanos. Assim como Cristo se sacrifica por nós, renovando a Terra, uma das lições do Covid-19 é obrigar-nos, antes de mais, ao acto (ainda que forçado) de não poluir tanto o planeta – as mostras de gráficos são sobejamente conhecidas de todos, nos últimos dias. Deste modo, a Natureza (a expressão mais visível do nosso Criador) parece ser uma espécie de ponto central. Há contudo diferenças que, sob o ponto de vista espiritual, são enormes. Enquanto que o sacrifício anual do nosso Salvador é feito **VOLUNTARIAMENTE, POR PURO AMOR**, o nosso sacrifício de hoje de auto-defesa de um vírus pandémico, de vermos a economia e as finanças periclitantes e bem assim toda a vida em sociedade, é devido à Lei de Causa-Efeito. Pagamos o preço caro dos desmandos acumulados. Ou seja, não estamos em casa para aliviar a poluição do planeta, nem os governantes de livre

vontade desenharem novos modelos de economia mais justos. Ou seja, as mudanças são ainda sob o jugo de Saturno, sendo certo que são a dor e a tristeza que nos levarão a pensar de outro modo.

«Os hediondos gritos de ódio duma turba enfurecida que insultava e zombava do mais nobre ideal que o mundo já conheceu», de que fala a lição de Max Heindel, estão hoje naqueles que obscurecem a verdade, os urdidores de notícias falsas (fake news), os fabricantes de armas, os imbuídos de corrupção, os que utilizam a religião para proveito próprio, enfim todos os que por concordância ou por omissão de actuar, aceitam o «politicamente correcto», porque continuam a cravar espinhos em Cristo-Jesus Salvador, sendo certo que ninguém é perfeito e que cada um tem a sua maior ou menor quota de responsabilidade. Se a actual pandemia não servir para despertar mais fraternidade na humanidade, por uma visão menos materialista da vida, então ela terá servido de pouco. Pois, como disse Fernando Pessoa:

«O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...»

Eduardo Aroso
(Equinócio da Primavera, 2020)